

O protestantismo e a eleição

EURIDES BRITO DA SILVA

Há muito tempo que eu vinha pensando em escrever sobre o tema em epígrafe, a partir de certos episódios que vêm sendo divulgados pela imprensa brasileira, desde que começou a campanha presidencial. Ora são comunicadores de rádio ou televisão que usam seus programas evangélicos para arrecabar votos para seus candidatos; ora, são lideranças de diferentes denominações protestantes prometendo aos candidatos de sua preferência, os votos de todos os membros de suas igrejas. Outros foram mais além e se candidataram a presidente ou vice nas próximas eleições e afirmam à população brasileira a mesma coisa: contam com os votos de todo o protestantismo no Brasil. Não dá mais para aguentar e é preciso colocar a questão em seu devido lugar.

Escrevo, aqui, na condição de membro de uma igreja protestante, e membro não apenas para efeito estatístico. Sou participante. Escrevo, também, na condição de política militante, uma vez que concorri nas eleições de 1986, à Deputada Federal pelo DF, tendo ficado na 1ª Suplência. E demonstrei — ninguém pode provar o contrário — que não misturei as coisas, o que não significa sustentar duas posições contraditórias. Vejamos: como membro da igreja, nunca saí por aí pedindo púlpitos para falar ou insinuando-me em qualquer igreja, “furando” as horas do culto de louvor a Deus, para caçar votos. Nunca encontrei fundamento bíblico para fazê-lo, pois Deus diz que: “Minha casa é a casa de oração para todos os povos”. Deus é Deus de todos quantos o buscam e devemos buscá-lo agora. Por outro lado, entendo que as igrejas cristãs, protestantes ou católicas, no dia em que se transformarem em comitês partidários a favor de quem quer que seja, só terão a perder, pois quem vai à casa de Deus, vai em busca do alimento espiritual. Vai à procura de momentos de reflexão, enfim, de uma maior aproximação, com o Pai de todos nós.

Dito isto, não significa que o cristão, como cidadão, não possa também ser um político partidário atuante. O que não deve haver é incoerência entre sua postura de cristão e sua ação política. Por exemplo: é incoerente um cristão defender

e divulgar as idéias de um candidato ateu e marxista. Não foi Marx quem ensinou que “a religião é o ópio do povo?” Quem conhece países marxistas — e eu conheço três pode atestar as restrições que as igrejas sofrem, que começam pelas dificuldades para impressão da Bíblia, estendendo-se a outros obstáculos.

O cristão, seja ele católico, ou protestante, não mistura as coisas. Aliás, nesse sentido, D. Serafim Fernandes, arcebispo de Belo Horizonte, meu particular amigo e companheiro durante anos no Conselho Federal de Educação, defendeu, num dos jornais brasileiros, nestes dias, idêntica posição, condenando a atitude de padres que apontam o nome de candidatos aos seus fiéis. Cabe ao pastor, quando solicitado, discutir, quando muito, critérios que facilitem o estabelecimento do perfil de candidatos mais adequados.

Cristão não vota num candidato simplesmente por ele ser de sua igreja, como também não deixa de votar por ele não fazer parte de sua congregação. Até mesmo, porque o próprio Cristo já advertira que “o joio cresce no meio do trigo”. E é necessário estabelecer-se a diferença. E, para a sorte do homem, Deus continua abrindo os braços e convidando a todos que a Ele queiram se achegar. Foi para isso seu sacrifício na cruz.

E por último é bom lembrar que o apóstolo S. Paulo nos adverte que devemos prestar obediência aos governantes. Daí a razão de um verdadeiro cristão nunca poder se transformar num agitador de massas. A esse respeito relembro memorável sermão proferido pelo pastor Éber Vasconcelos, da Igreja Memorial Batista de Brasília, em culto especial de Ação de Graças, em 1983, ao qual compareci como convidada.

Ao cristão interessa, acima de tudo, o preparo para o que é perene, ou seja, a vida eterna. Não deixemos que a politicalha invada as nossas igrejas e não permitamos ser desmoralizados por indivíduos que se apresentam através do rádio e da televisão, falando ao País em nome de todos nós.

Eurides Brito da Silva é professora da UnB, vice-presidente mundial da Sociedade Brasileira de Educação Comparada e membro da Igreja Adventista do 7º Dia.